

“EU PENSAVA EM VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SÓ COMO REGIONALISMOS”: APRIMORAMENTO DE SABERES NO PROFLETRAS POR MEIO DA DISCIPLINA GRAMÁTICA, VARIAÇÃO E ENSINO

“I THOUGHT OF LINGUISTIC VARIATION ONLY AS REGIONALISMS”: IMPROVING KNOWLEDGE IN PROFLETRAS THROUGH GRAMMAR, VARIATION AND TEACHING


Solange de Carvalho Fortilli¹

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise do desenvolvimento de “Gramática, Variação e Ensino”, presente no rol de disciplinas obrigatórias do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Trata-se da abordagem de pontos relevantes verificados no decorrer das atividades no segundo semestre de 2022, com uma turma de nove mestrandos ingressantes naquele ano, na unidade da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Três Lagoas. Ofertado em rede nacional, o PROFLETRAS visa à capacitação de professores de Língua Portuguesa para a docência no Ensino Fundamental e se coloca como uma importante política pública para a melhoria do ensino no país. O estudo da temática justifica-se pela necessidade de conhecer com maior profundidade como as noções desenvolvidas no âmbito da Sociolinguística, base teórica adotada, são recebidas pelos docentes mestrandos e, secundariamente, pelos seus alunos. Nesse sentido, este texto tem como objetivo geral analisar o percurso de crescimento de habilidades que possibilitam reconhecer e lidar com a variação linguística em sala de aula, detalhando, em específico, como as impressões iniciais da turma sobre variação linguística, captadas em momentos dialógicos específicos e na rotina das aulas, vão se transformando no sentido de se aproximar mais dos saberes científicos constituídos sobre o tema. Os procedimentos metodológicos consistiram, então, em cotejar as falas iniciais dos mestrandos e seus seminários, apresentados na segunda parte da disciplina. Os resultados apontam que, no decorrer dos encontros, houve um refinamento de conhecimentos, que levou os participantes a uma compreensão mais ampla sobre a variação linguística, norteadas pelo desenvolvimento científico já disponível na área.

PALAVRAS-CHAVE: PROFLETRAS. Gramática, variação e ensino. Variação linguística na escola. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT: This work presents an analysis of the development of “Grammar, Variation and Teaching”, present in the list of subjects of the Professional Master's Degree in Letters (PROFLETRAS). This is an approach of relevant points verified during the activities in the second semester of 2022, with a class of nine master's students, at the unit of the Federal University of Mato Grosso do Sul, in Três Lagoas. Offered on a national network, PROFLETRAS aims improves Portuguese language teachers to teach in Elementary Education and it is an important public policy for improving teaching in Brazil. The study of the theme is justified by the need to understand in greater depth how the notions developed within the scope of Sociolinguistics, the theoretical basis, are received by master's degree teachers and, consequently, by their students. In this sense, the general objective of this text is to analyze the path of growth of skills that make it possible to recognize and deal with linguistic variation in the classroom, detailing, in specific, how the class's initial impressions about linguistic variation, captured in specific dialogical moments and in the routine of classes, they are transformed in order to get closer to organized scientific knowledge on the topic. The methodological procedures then consisted of comparing the initial speeches of the master's students and their seminars, presented in the second part of the course. The results indicate that, during the meetings, there was a refinement of knowledge, which led participants to a broader understanding of linguistic variation, guided by the scientific development already available in the area.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: solange.fortilli@ufms.br.

 <https://orcid.org/0000-0002-8348-4359>

● [Informações completas no final do texto](#)

KEYWORDS: PROFLETRAS. Grammar, variation and teaching. Language variation at school. Pedagogical practices.

Introdução

Mais do que uma frase que integra o título deste artigo, o enunciado reproduzido acima (“Eu pensava em variação linguística só como regionalismos”) foi tomado como força incentivadora de uma análise mais apurada sobre a construção de saberes dos docentes-mestrandos que adentram o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS²), no que diz respeito à forma como compreendem questões de variação e mudança linguística, bem como sua relação com práticas pedagógicas escolares.

O PROFLETRAS visa à capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no Brasil. Recomendado pelo Conselho Técnico-Científico da Educação Superior, no ano de 2012, o programa é uma ação indutora da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que objetiva capacitar professores de Língua Portuguesa em exercício no Ensino Fundamental. Em sua concepção, o PROFLETRAS alinhava-se ao Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG - 2011-2020), que destacava a Educação Básica como um foco estratégico e digno da atenção de todo o Sistema Nacional de Educação, em face da necessidade da oferta de educação de qualidade para todos e valorização dos profissionais da Educação Básica.

O mestrado é oferecido em rede nacional e, atualmente, com o retorno das atividades pós-pandemia, tem suas atividades majoritariamente presenciais³. A rede conta com a participação de 49 Instituições de Ensino Superior, localizadas nas cinco regiões (Nordeste, Sudeste, Centro-oeste, Sul e Norte) e é coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

A unidade foco deste estudo situa-se na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas, ao leste do estado. A unidade traz a possibilidade de formação a professores do próprio município, de municípios vizinhos e, por estar em uma

² É possível encontrar, em diferentes abas de ambientes como o sítio do PROFLETRAS Nacional (<https://profletras.ufrn.br/>), as formas PROFLETRAS, ProfLetras e Profletras, sendo a primeira adotada neste trabalho.

³ A proposta do PROFLETRAS sempre foi baseada no ensino presencial, mas a pandemia de Covid-19 exigiu novas estratégias, como a oferta de disciplinas em modo remoto ou “híbrido”. No início de 2023, o programa retornou ao seu formato, com aulas presenciais.

área fronteiriça, próxima à divisa dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, a unidade recebe também mestrandos dessas localidades (e de outras).

A turma focalizada neste artigo compunha-se de nove acadêmicos, sendo cinco homens e quatro mulheres. O local de exercício da docência era bem variado, incluindo escolas do interior de São Paulo (sede de um acadêmico), escolas de municípios no entorno de Três Lagoas (sede de três acadêmicos), unidades escolares do interior de Mato Grosso (local de trabalho de quatro acadêmicos) e do interior de Goiás (local de atuação de um acadêmico). É importante mencionar que, no segundo semestre de 2022, período da oferta da disciplina enfocada, as aulas ainda estavam sendo efetivadas por plataformas virtuais de transmissão em tempo real e pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da própria UFMS. Assim, mesmo distantes fisicamente, todos esses mestrandos puderam acompanhar os encontros semanais que consolidaram a disciplina.

A trajetória do PROFLETRAS, como um todo, foi interrompida apenas uma vez, no ano de 2020, em razão da suspensão das atividades de novas turmas, imposta pelas incertezas decorrentes da pandemia. Com matrículas retomadas em 2021, o programa voltou a ofertar regularmente suas disciplinas, dentre elas Gramática, Variação e Ensino. O decurso de dez anos do início do programa, que propiciou o ingresso de nove turmas, possibilitou, também, um panorama das concepções predominantes, entre os acadêmicos que chegam, acerca das temáticas presentes em tal componente curricular. Embora não tenha havido, até um momento, um estudo aprofundado desse perfil, os relatos sobre suas formações (iniciais e continuadas), bem como as falas e atividades que têm lugar durante as aulas, permitem entrever como os professores-mestrandos percebem e tratam a variação e a mudança linguísticas. Um relato comum, que não conta, todavia, com uma quantificação formal, é sobre não ter tido disciplinas como Sociolinguística⁴ dentre os componentes curriculares da graduação em Letras. Essa área da Linguística constitui a principal base teórica tanto da disciplina em questão como desse artigo.

Um outro ponto a ser salientado é justamente o que se reproduz no enunciado que nomeia este escrito: em muitos casos, o tratamento da variação, ao longo do processo formativo dos participantes que adentram o programa, passa por aspectos apenas da chamada variação diatópica (CALVET, 2002), isto é, aquela baseada em parâmetros

⁴ Ainda que não seja a única possibilidade pertinente à composição dos currículos de Letras, a Sociolinguística que se alude aqui é a variacionista (COELHO *et al*, 2015).

regionais ou geográficos, que se materializa nas possibilidades de uso linguístico correlatas aos lugares onde vivem os falantes. De modo ainda mais específico, dentro do campo da variação diatópica, selecionam-se somente elementos lexicais (por exemplo, as diferentes nomeações para um mesmo vegetal: *mandioca*, *macaxeira*, *aipim*...) e expressões reconhecidamente regionais (por exemplo, *oxente*, simplificada vista como uma marca da fala do Nordeste), com quase nenhuma abordagem das variações que se presentificam na fonologia, na morfologia, na sintaxe e em âmbito maior, no próprio discurso. Outro “conteúdo” destacado, segundo tais relatos informais, é o português caipira⁵, retratado por meio de personagens como o Chico Bento. Ao contrário de um desmerecimento dessa bagagem de saberes, o ponto a ser discutido é a simplificação constatada, a qual conflita com a profundidade e a amplitude que perpassam o campo das variações linguísticas.

No contexto exposto, a relevância da presente pesquisa se justifica pela oportunidade de compreender com que conjunto de conhecimentos os docentes-mestrandos chegam ao PROFLETRAS e como esse conjunto tende a se transformar ao longo da disciplina enfocada. Desse modo, o objetivo geral assenta-se em analisar o percurso de crescimento de habilidades que possibilitam reconhecer e lidar com a variação linguística em sala de aula, detalhando, em específico, como as impressões iniciais dos participantes sobre variação linguística, captadas em momentos dialógicos específicos e na rotina das aulas, vão se transformando em um rol mais sólido e aprofundado de conhecimentos.

Conforme já dito, não há ainda uma diagnose ou uma pesquisa formal desse perfil inicial dos mestrandos. Dessa maneira, os procedimentos de análise, apresentada mais adiante, basearam-se em cotejar as falas e relatos iniciais, reconhecidos aqui como representativo do rol “primário” dos saberes dos acadêmicos, com os seminários, em que cada grupo de mestrandos investigou um fenômeno variável da língua e apresentou suas

⁵ A denominação “português caipira” é de Amaral (1955) e designava, anteriormente, um dialeto bastante peculiar, empregado no território da antiga província de São Paulo. Na obra desse autor, sua caracterização o associa a falantes incultos, que não “falam bem”. Hoje, o rótulo de “caipira” parece ter se estendido a muitos falares não legitimados como variedades cultas. Na escola, o dialeto costuma ser personificado pelo garoto Chico Bento, criado pelo cartunista e quadrinista Maurício de Sousa e supostamente retratado como um típico caipira brasileiro.

análises para a turma. Das asserções iniciais ao conteúdo exposto nos seminários, observou-se o que se chamou de *percurso*.

O artigo se encontra organizado da seguinte forma: na primeira seção, explicam-se os conceitos importantes para a disciplina e para o artigo, advindos da Sociolinguística. Abordam-se, ainda, questões de ensino de língua portuguesa e de variação linguística na escola, via Pedagogia da Variação. Na segunda seção, destacam-se os procedimentos metodológicos adotados nas aulas e nas análises de dados. A terceira seção consiste na análise do *percurso*, a qual é seguida das Considerações Finais. Aponta-se, na última parte, o referencial teórico utilizado.

Sobre variação e mudança linguísticas e questões de ensino de língua portuguesa

O reconhecimento da variação linguística não é recente, porém, a maleabilidade das estruturas e usos das línguas nem sempre foi contemplada no campo do ensino. Ainda que não se pretenda determinar em que momento a variação e a mudança linguísticas passaram a figurar nos programas educacionais de língua portuguesa no Brasil, pode-se tomar a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN (1998) como um marco relevante. Esse documento destacou a variação sob dois aspectos: i) quanto à compreensão de que ela é passível de ser ensinada, prestando-se à análise científica e às transposições didáticas necessárias; ii) quanto à possibilidade e necessidade de acolher as diferentes variedades linguísticas nas escolas, dada a imensa diversidade de falares que o alunado conduz ao espaço escolar como marca de sua identidade.

Em trecho que especifica a natureza do trabalho com a língua a ser praticado na escola, diz o texto

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma correta de falar, o de que a fala de uma região é melhor da que a de outras, o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas crenças insustentáveis produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a fala que identifica o aluno a sua comunidade, como se esta fosse formada de incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde a nenhuma de suas variedades, por mais prestígio que uma delas possa ter (BRASIL, 1998, p. 31).

Como se pode notar, os PCN, como documento norteador da educação brasileira, deram à heterogeneidade linguística na escola uma legitimidade contundente. Em

consonância à sua implantação, houve também significativos crescimento e difusão de áreas que tocam o ensino de língua materna (SANTOS; LEBLER, 2021), bem como vasto desenvolvimento dos conhecimentos acerca de outros conceitos importantes, como o de gêneros discursivos, por exemplo. Vale mencionar que os PCN naturalmente não se filiavam a uma vertente teórica, mas contemplavam os avanços advindos de diferentes abordagens dos estudos da linguagem.

Na atualidade, já é outra a base legal para o ensino no Brasil. Trata-se da Base Nacional Comum Curricular, a BNCC. No que tange à questão central, assentada na presença da variação linguística nas aulas de português, cabe trazer as palavras do documento:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2018, p. 81).

A análise da BNCC permite que se detectem aspectos relacionados à variação em diferentes pontos, sobretudo no conjunto dos “objetos de conhecimento” (o que corresponderia aos conteúdos), que se colocam dentro das diferentes habilidades preconizadas para cada ano e etapa escolar. É possível, ainda, observar que os saberes sobre a variação vêm atrelado a outros, que perpassam os diferentes usos e atingem as diferentes comunidades linguísticas do Brasil, como o conflito entre prestígio e estigma, as noções de adequação e inadequação aos contextos e os embates entre empoderamentos e silenciamentos estabelecidos por meio da língua.

Com presença marcante nos documentos mencionados, a área da variação e da mudança linguística oferece, a partir de um vasto desenvolvimento científico, uma gama de conceitos capazes de embasar práticas pedagógicas condizentes. Pode-se salientar, por exemplo, que, como frutos de uma continuidade pela qual indivíduos legam a seus descendentes um conjunto de saberes, as línguas experimentam as variações temporais, ou seja, históricas. A investigação da evolução diacrônica de regras e sistemas de combinação nas línguas é um dos focos mais primordiais da Sociolinguística (LABOV, 1972), área que, abarcada pela Linguística Geral, “trata da estrutura e da evolução da linguagem, encaixando-a no contexto social da comunidade” (CAMACHO, 2005, p. 56).

No plano sincrônico, a variação captada nas línguas relaciona-se a condicionantes diversos, como origem e trânsito dos sujeitos em determinadas áreas geográficas, questões de idade, escolaridade e outros. Para Alkmin (2005), de maneira geral, é possível descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica/diatópica e a variação social/diastrática. A primeira, já citada, está relacionada às diferenças de uso distribuídas no espaço geográfico e é responsável pelas distinções observadas nos falares de brasileiros da região nordeste e da região sudeste, por exemplo. A segunda abrange toda a organização sociocultural de uma comunidade e, dessa forma, toca questões como classe social, idade, sexo e contextos de uso.

Como resultados das combinações entre esses fatores, as variações se situam nos mais diferentes níveis da língua, evidenciando fenômenos variáveis de base fonético-fonológica, lexical, morfológica, sintática e discursiva. A esse respeito, a matriz de disciplina do PROFLETRAS propõe o que se vê no Quadro 1⁶:

Quadro 1. Fenômenos variáveis que representam as feições particulares do português do Brasil- sugestões da rede PROFLETRAS

Nível de análise	Fenômenos
Aspectos fonológicos	<i>Vogais</i> a) alçamento b) harmonia (assimilação) c) abaixamento iv. apagamento (monotongação, redução estrutural...) d) inserção (ditongação, reestruturação silábica e outras) e) interações morfofonológicas e morfossintáticas (sândi, haplologia etc). <i>Consoantes</i> a) assimilação: ponto, nasalização, vozeamento (desvozeamento), etc. b) apagamento, inserção, metátese, afrouxamento, etc.
Aspectos lexicais	a) Formação de palavras e expansão lexical b) Adequação vocabular (por ex. ter X haver).
Aspectos morfológicos	<i>Quadro pronominal</i> a) Paradigma verbal: indicativo X subjuntivo; formas simples X formas perifrásticas

⁶ O quadro teve como base os programas oficiais de duas disciplinas obrigatórias do PROFLETRAS: *Gramática, variação e ensino* e *Fonologia, Variação e Ensino*. A partir desses programas, os docentes responsáveis pelas disciplinas, nas 49 unidades, compõem seus planos de ensino.

	<p><i>Classes de palavras</i></p> <p><i>Elementos constituintes da palavra: o contínuo flexão-derivação; a expressão do grau</i></p> <p><i>Aspecto verbal.</i></p>
Aspectos morfossintáticos	<p><i>A construção da predicação</i></p> <p>a) Transitividade: argumentos e adjuntos b) Expressão dos constituintes: realização / apagamento do sujeito e dos complementos (funções acusativa, dativa e oblíquas) c) Estratégias de indeterminação do referente (verbo na 3ª pessoa mais se / 3ª p. plural / formas pronominais e nominais) d) Ordem dos constituintes: sujeito-verbo/verbo-sujeito; topicalização; voz ativa/voz passiva; colocação de pronomes e) Concordância (verbal e nominal): expressão morfossintática e padrões oracionais f) Perífrases verbais - auxiliaridade; perífrases verbo-nominais - verbos leves (fazer curso/cursar; ter medo/temer) g) Perífrases V1 e V2 (pego/chego/vou e faço).</p> <p><i>Articulação de orações/periodos</i></p> <p>a) Construções do período composto: relações lógico-semânticas; funções textual-discursivas b) Conectores (onde, mas, aí, assim, agora, depois, enquanto etc). c) Estratégias de relativização (padrão, cortadora e copiadora).</p>
Aspectos discursivos	<p>a) Modalização (é preciso/urgente + infinitivo; deve-se + infinitivo; urge + infinitivo etc) b) Recursos enfáticos (clivagem, focalização, tópico-comentário etc).</p>

Fonte: autoria própria, com base na matriz de disciplinas do PROFLETRAS

Calvet (2002) indica que a maioria dos estudos de variação incide sobre os sons da língua, porque as variações nesse nível são mais evidentes e mais fáceis de descrever. Porém, como o quadro deixa claro, os fenômenos variáveis do português brasileiro situam-se em vários níveis e, com isso, afetam estruturas muito diversificadas dentro do sistema linguístico. A flexibilidade da língua ante os contextos de interação possibilita alterações que atingem, naturalmente, o vocabulário e até mesmo paradigmas inteiros, como o dos pronomes pessoais, quando se pensa no espraiamento de *a gente* e *você*, e no menor uso de *nós* e *tu*, por exemplo. Não se pode deixar de mencionar as variações sintáticas, que afetam aspectos tidos como mais fixados na língua. Pela associação da Teoria da Variação e Mudança com o Funcionalismo, por exemplo, já se detalharam fenômenos como variação

na concordância verbal e nominal, variação modo-temporal, preenchimento (ou não) do sujeito pronominal, usos alternantes de conectores, entre outros.

Com ainda mais alcance, surgem os trabalhos que tratam da variação no discurso. Segundo Coelho *et al* (2015, p. 29), “o nível linguístico de análise pode ser expandido para além da frase, de modo a abarcar também porções textuais ou discursivas maiores. Nesse caso, aspectos semântico-pragmáticos (de significação e contexto situacional) também são considerados.” Como exemplo, os autores explanam estudos acerca de marcadores discursivos como *e*, *aí*, *daí* e *então*, que atuam nas relações coesivas de textos falados e são intercambiáveis em muitos segmentos textuais.

Para autores como Martelotta (2013), a profusão de fenômenos variáveis é prova da relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais. O pesquisador afirma que “as situações comunicativas são tantas e as intenções dos usuários tão variadas que as línguas acabam desenvolvendo expressões alternativas que se ajustam a essas diferentes realidades comunicativas.” (MARTELOTTA, 2013, p. 25).

Por essas considerações, fica patente a grande amplitude da variação no âmbito dos estudos linguísticos e, conseqüentemente, no âmbito educacional. Para Zilles e Faraco (2015, p. 9),

Não se trata apenas de desenvolver uma pedagogia que garanta o domínio das práticas socioculturais e das respectivas variedades linguísticas. Considerando o grau de rejeição social das variedades ditas populares, parece que o que nos desafia é a construção de toda uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua e preparada para combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais.

O que os autores tratam como “uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país”, certamente, traz em seu cerne o aprofundamento do que se entende por variação, o qual deve ultrapassar as generalidades já tão difundidas e, talvez, pouco compreendidas. Esse olhar mais profundo e seguro é o que permite ao professorado a abordagem das variações na escola, adentrando o mundo da Pedagogia da Variação.

Com base nessas asserções, passa-se à metodologia e, posteriormente, à análise dos saberes demonstrados pelo grupo de mestrandos com o andamento das atividades da disciplina Gramática, Variação e ensino.

Procedimentos metodológicos

A disciplina Gramática, Variação e ensino, no segundo semestre de 2022, foi organizada com base em algumas etapas ou “movimentos”. O primeiro deles foi preenchido pelas apresentações da docente e dos acadêmicos, que puderam destacar pontos de suas trajetórias pessoais e profissionais. Para além de uma formalidade inicial, o momento foi conduzido em forma de diálogo, ainda que online, para que todos contassem as vivências que desejassem sem a preocupação com o tempo da aula. Dentre as indagações propostas pela docente, houve aquela concernente às expectativas da turma com relação à disciplina, ocasião que oportunizou a discussão acerca dos saberes quanto à gramática, à variação linguística e aos processos que as tocam dentro do ensino de língua portuguesa no ensino fundamental.

Ainda sobre esse primeiro momento, vale a interação com o escrito de Kawachi, Rocha e Maciel (2022), em que se argumenta que tem sido recorrente o entendimento de afetividade (ou afeto) como um processo amplo e complexo que tem entrecruzamentos com o desenvolvimento sociocultural humano. Em diálogo com Leite (2018), os autores assentem que:

tal processo incorpora vivências e formas de expressão humanas mais elaboradas. Por esse viés, a afetividade envolve tanto a emoção, vista como o vínculo primeiro entre o sujeito e seu ambiente, bem como os sentimentos, marcados por sua natureza psicológica e, assim, caracterizados por elementos representacionais e de duração mais longa. (KAWACHI; ROCHA; MACIEL, 2022, p. 39).

No contexto da disciplina, essa primeira etapa foi direcionada justamente ao reforço do vínculo entre os mestrandos, que já vinham interagindo virtualmente nas aulas de outros componentes curriculares, e ao estabelecimento dos passos iniciais do vínculo entre a turma e a docente. Essa conversa inaugural foi de suma importância para as conexões intelectuais e de coexistência que tomariam lugar ali e, embora com outros contornos, mais “diluídos”, perdurou pelos quase cinco meses de efetivação da disciplina, que conta com sessenta horas.

Dessa fase preambular, passou-se à dedicada aos estudos teóricos, destinado justamente a revisitar (ou ver pela primeira vez) conceitos essenciais da área, que se entrelaçam para a explicação do vasto universo dos fenômenos variáveis de uma língua. O repertório constituído pelas leituras e discussões tinha como objetivo final sustentar a busca coerente por casos de variação linguística nas escolas em que os mestrandos são

docentes. Um outro movimento, aliado ao de construção do alicerce teórico, serviu como porta de entrada ao terceiro momento e consistiu no estudo da lista sugestiva de fenômenos do português brasileiro, apresentada no Quadro 1, acima. Em aderência à metodologia adotada na disciplina, foi acordado que apenas fenômenos variáveis retratados pela escrita dos estudantes seriam coletados. É evidente que a escola, como qualquer outro meio, é palco de variações em todos os níveis e ligadas a todos os condicionantes. Todavia, fenômenos de base sonora, por exemplo, se não atrelados a uma grafiação que os represente, exigem outros mecanismos para captação, os quais não compunham os interesses da disciplina.

O terceiro momento foi direcionado à análise dos textos que vieram das mais diferentes escolas. Vale lembrar que quatro estados brasileiros foram contemplados nessa investigação, dadas as instituições em que trabalham os mestrandos. Pelo debate, pontuado pelo cotejo entre os vários materiais coletados, chegou-se a um conjunto de fenômenos representativo da variação que se presentifica nas diversas unidades escolares, isto é, uma gama de fatos linguísticos comuns ao alunado acompanhado pelos docentes-mestrandos. Desse conjunto, quatro fenômenos foram escolhidos pela turma, com a finalidade de tomá-los como objetos de pesquisa na disciplina e aprofundá-los. O número de acadêmicos possibilitou a divisão em três duplas e um trio, sendo que cada agrupamento se aprofundou quanto a um fenômeno, para tratá-lo, posteriormente, em sala de aula sob a forma de seminário. Os fenômenos selecionados foram: Concordância Verbal, Emprego das formas *nós* e *a gente*, Redução de morfemas em verbos e Uso de conectores.

Como já se disse, as impressões e falas externadas pelos mestrandos no início da disciplina formaram o que se compreende como a bagagem primária da turma sobre a temática da variação e seu ensino. Embora importante, ela permite perceber um recorte que simplifica a diversidade linguística e o consistente panorama científico já constituído. Assim, o procedimento de análise adotado foi o de analisar detidamente os seminários, observando a preparação teórica, refletida nos *slides* apresentados, e a explanação dos acadêmicos. Dois foram os parâmetros direcionadores, que se encontram estreitamente entrelaçados: a maior aproximação do conhecimento científico disponível e a interação com o material bibliográfico sobre cada fenômeno.

Um crescente de saberes quanto à percepção e ao tratamento da variação linguística

A parte inicial do seminário do trio, responsável pelo tema Concordância Verbal, já chama a atenção. Em um dos primeiros slides, dizem os mestrandos⁷:

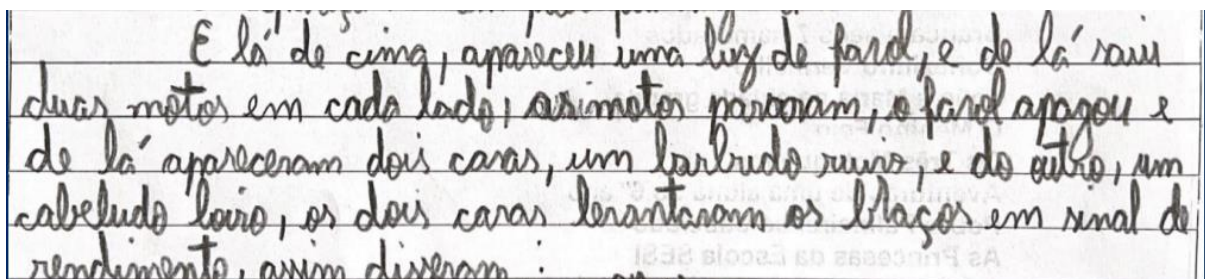
É muito comum, quando falamos em variações linguísticas, nos reduzirmos apenas ao nível lexical, trazendo à tona exemplos de falares regionais, como o linguajar próprio do gaúcho, do nordestino em geral, do mineiro... e com uma análise cuidadosa é possível observar a riqueza linguística que o nosso país possui. (MEDEIROS, DURÃES, CARDOSO, 2022).

Observa-se que essa afirmação ratifica muito do que foi enunciado nos encontros iniciais da disciplina e já comentado neste artigo. A percepção do olhar simplificador lançado ao universo da variação linguística parece ter sido, também para os mestrandos, um elemento propulsor, capaz de indicar a necessidade de reflexões mais lapidadas.

Em outro ponto do material que sustentou a apresentação oral, os mestrandos fizeram opção por um recorte no âmbito do tratamento das variações de concordância verbal. Assim, afirmam que “do ponto de vista da Sociolinguística, no PB a concordância verbal de 3ª Pessoa do Plural (3PP), é um fenômeno em variação, uma vez que apresenta, no mínimo, duas maneiras possíveis de realização”. Enveredando-se pelas questões desse tipo de variação, os acadêmicos apresentaram seus estudos de caso, com base nos materiais provenientes das escolas, que foram analisados e reunidos pela turma.

Abaixo, seguem trechos dos *slides* e excertos de produções escolares, acompanhados de considerações sobre como os mestrandos fizeram uso produtivo deles, demonstrando entendimento cada vez mais apurado dos fenômenos variáveis do português. Para cada excerto, há a respectiva transcrição, com a finalidade de evitar possíveis incompreensões na leitura.

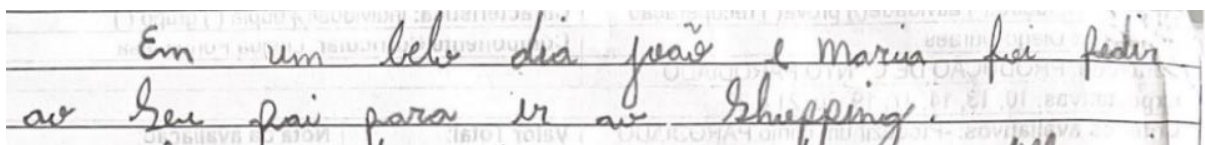
Excerto 1:



⁷ Tanto nos excertos produzidos pelos mestrandos como naqueles advindos de textos elaborados por estudantes das escolas, a redação original foi mantida.

Transcrição: “E lá de cima, apareceu uma luz de farol, e de lá saiu duas motos em cada lado, as motos passaram, o farol apagou e de lá apareceram dois caras, um barbudo ruivo, e do outro, um cabeludo loiro, os dois caras levantaram os braços em sinal de rendimento, assim disseram:”

Excerto 2:



Transcrição: “Em um belo dia João e Maria foi pedir ao seu pai para ir ao shopping.”

O excerto 1 foi utilizado para a discussão sobre a influência da posposição de sujeito na aplicação da regra de concordância verbal em terceira pessoa do plural, dada a presença da forma “de lá saiu duas motos” (grifo nosso). Para a discussão, os acadêmicos interagiram com dois tipos de material bibliográfico: as pesquisas desenvolvidas no bojo da linguística e os livros didáticos. Enfocando o primeiro tipo, é relevante pontuar que autores como Vieira (2014) elencam elementos possivelmente condicionadores da opção dos falantes por uma das variantes e, dentre eles, a posição do sujeito com relação ao verbo é sempre destacada.

Sobre o excerto 2, a possibilidade de explicação trazida pelo trio passou pela saliência fônica dos verbos envolvidos (*foi*, que aparece no escrito e *foram*, que é a forma em que se vê aplicação da regra de concordância): em casos com salientes distinções fônicas entre as duas formas em competição, é conhecida a tendência à aplicação da regra. O cancelamento da regra é observado, por outro lado, em situações em que as duas variantes não exibem grandes diferenças perceptíveis auditivamente, o que parece ocorrer no caso em análise.

Nos dois contextos de uso considerado “desviantes”, mais do que apenas se atentar para a ocorrência do fenômeno dentre o alunado da educação básica, os acadêmicos buscaram os fundamentos que explicam as motivações para o emprego das formas variáveis. Nos estudos da linguagem, os processos são sempre mobilizados por fatores de diferentes naturezas, e o trio de mestrandos demonstrou importante movimento de busca dessas motivações.

Outros casos foram tratados pelos acadêmicos, que observaram, também, o tratamento dispensado ao fenômeno nos livros adotados nas escolas, vertente dos seminários que não será explorada aqui. Importa dizer que o avanço na compreensão da variação linguística foi considerável e pode ser testemunhado da seleção do fenômeno, que extrapola os limites do inventário vocabular de uma comunidade e é de base morfossintática, até o exame dos casos encontrados nos textos, investigados em sintonia com o que se delineia nas descrições linguísticas e nos insumos da tradição escolar.

O segundo estudo efetivado pela turma lidou com a variação entre *nós* e *a gente*. Primeiramente se destaca, nesse caso, a interação dos acadêmicos com a bibliografia pertinente. São da dupla 1 as considerações:

Diversos estudos com base em amostras de fala do português do Brasil (OMENA, 1968, 2003, LOPES, 1993, 1999, 2003; MACHADO, 1995; entre outros) procuraram demonstrar que a forma inovadora *a gente* vem suplantando o pronome *nós* nos últimos 30 anos (SILVA, PROCÓPIO, 2022).

Após pontuarem as comunidades de fala analisadas por duas autoras (OMENA, 2003 e LOPES, 2003)⁸, os mestrandos trouxeram asserções que podem ser assim resumidas:

Quadro 2. Resultados de trabalhos científicos com *nós* e *a gente*

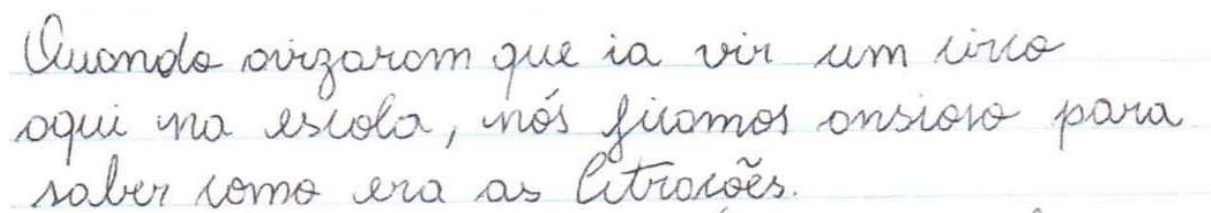
OMENA (2003), observando falantes com ensino superior, com dados do NURC- 1970: a forma <i>nós</i> prevalecia, superando a forma <i>a gente</i> . Em 1990, com informantes diferentes: há uso mais frequente da forma inovadora (<i>a gente</i>)
LOPES (2003), analisando falantes com Ensino médio, a partir de dados do PEUL- 1980 a 2000: uso do <i>a gente</i> não mudou, continuou praticamente igual, com uma certa estabilidade (entre 75% e 80%) de predominância.
CONCLUSÃO: Falantes cultos (ensino superior), entre 1970-1990, exibiram certa instabilidade. Isso mostra que o comportamento linguístico dos falantes com escolaridade média, mais tarde “migra” para a fala dos falantes tidos como cultos. Gradativamente, variante <i>a gente</i> disseminou-se pela comunidade. Tudo indica que essa mudança ocorreu de baixo para cima, ou seja, das classes menos escolarizadas para as mais escolarizadas.

Fonte: elaboração própria, com base em Silva e Procópio (2022).

⁸ As autoras investigaram o NURC e o PEUL. O NURC é o projeto Norma Urbana Culta, que conta com banco de dados de entrevistas gravadas nas décadas de 1970 e 1980, num total de 350 horas, com informantes com nível superior completo, de cinco capitais (Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Porto Alegre e Salvador). O PEUL- Programa de Estudos sobre o Uso da Língua iniciou suas atividades no fim dos anos 1970 e conta com banco de dados composto por entrevistas de diferentes tipos e exemplares de escrita jornalística.

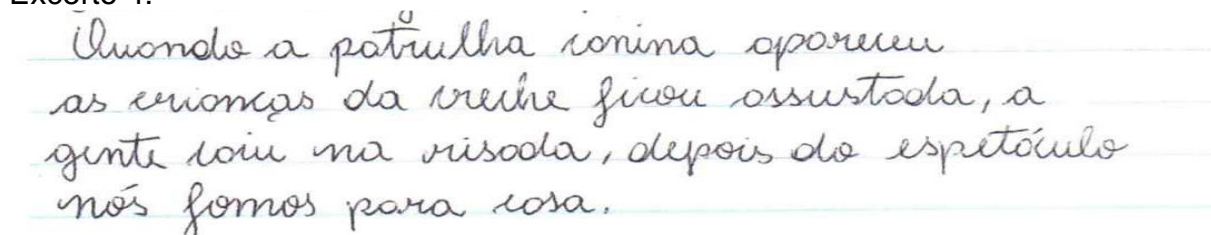
Salienta-se, sobre esse compilado, a opção por cotejar dois estudos já consagrados sobre o tema, o que evidencia uma importante interação com saberes científicos pertinentes e suficientemente organizados para dar sustentação à linha argumentativa do seminário. Em uma outra passagem da exposição, os acadêmicos apresentaram os seguintes excertos:

Excerto 3:



Transcrição: “Quando avizaram que ia vir um circo aqui na escola, nós ficamos ansioso para saber como era as atrações.”

Excerto 4:



Transcrição: “Quando a patrulha canina apareceu as crianças da creche ficou assustada, a gente caiu na risada, depois do espetáculo nós fomos para casa”

Os trechos acima são representativos da alternância que, na escrita menos formal, ocorre entre as duas formas concorrentes: vê-se *nós* em 3 e *a gente* seguido de *nós* no excerto 4. Para os acadêmicos, há uma série de gêneros praticados na escola que permitem a opção por uma ou outra variante, sem nenhum problema de inadequação. Para eles,

O fato de essa expressão (*a gente*) adentrar ambientes escritos – mesmo os não considerados formais – sem qualquer estigma, pode significar um avanço gradual dessa variante, fazendo com que a forma tradicional da primeira pessoa do plural se restrinja cada vez mais. (SILVA; PROCOPIO, 2022).

Os mestrandos, nesse caso, enveredaram-se por outro direcionamento importante dentro do tema: os gêneros textuais. Essa linha de argumentação deixa claro o alcance das

articulações estabelecidas entre as variações enfocadas, as motivações descritas na bibliografia atinente e outros fatores, como as práticas de linguagem, materializadas nos gêneros, que autoriza ou até enseja essa ou aquela variável. Além disso, a dupla 1 elaborou, com base em sua preparação teórica, uma análise projetiva, arriscando prever o que poderá acontecer no cenário que envolve as formas concorrentes *nós* e *a gente*.

O prosseguimento da análise feita pelos acadêmicos baseou-se na apresentação da variação dos pronomes em propagandas, textos literários e até em textos científicos. Sobre esses últimos, os discentes selecionaram e mostraram uma obra da área (Sociolinguística) em que o pesquisador, no fluxo de sua escrita científica, emprega a forma *a gente*.⁹

O terceiro estudo, exposto pela dupla 2, tem base na interface entre fonologia e morfologia. O recorte da dupla enfocou a variação entre a realização e o cancelamento do morfema -r, que materializa o infinitivo dos verbos. Para Coelho *et al* (2015, p. 27), em casos assim, “temos claramente a falta do morfema de infinitivo nas realizações *andá*, *vendê* e *parti*. Podemos concluir que há uma coincidência: -r representa um fonema e também um morfema nesses dados.”

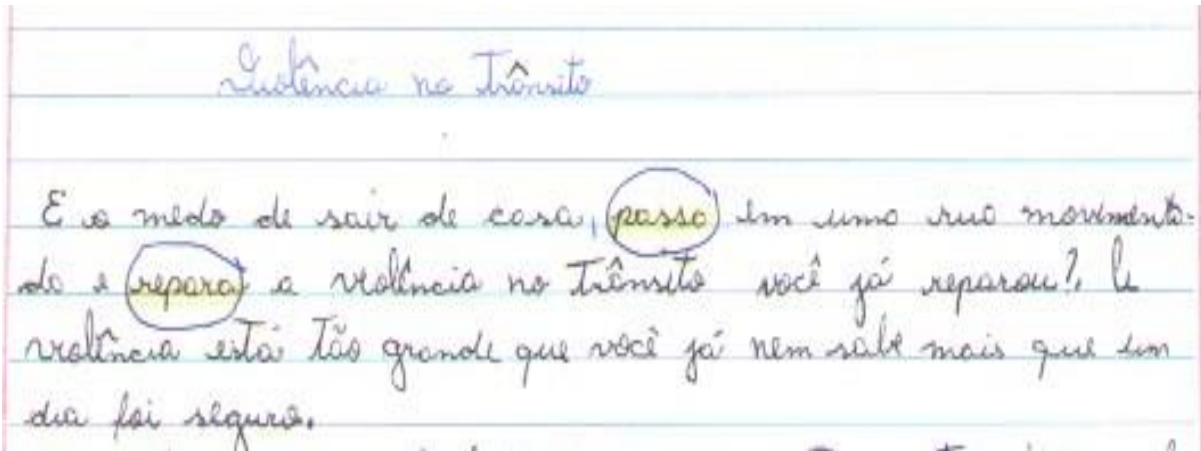
Interagindo com textos de pesquisadores como Callou, Leite e Moraes (1998) e Mendes e Oliveira (2021), os acadêmicos defenderam que existe uma forte tendência em apagar o /r/ na oralidade do português brasileiro, sendo que o fenômeno não é atual. Segundo suas fontes, o caso já foi observado em peças do século XVI, do escritor português Gil Vicente, utilizado como um recurso estilístico que representava, de forma escrita, a língua dos escravos.

A eleição do olhar histórico como um dos aspectos da exposição é algo que ficou bastante saliente nesse caso. Da mesma forma, os mestrandos souberam captar da fonte bibliográfica outro ponto importante: o que assinala que o fenômeno tem lugar privilegiado na oralidade, ainda que possa ser transposto para a modalidade escrita.

Nas escolas que compartilharam seus dados, a variação ocorre como se vê nos excertos:

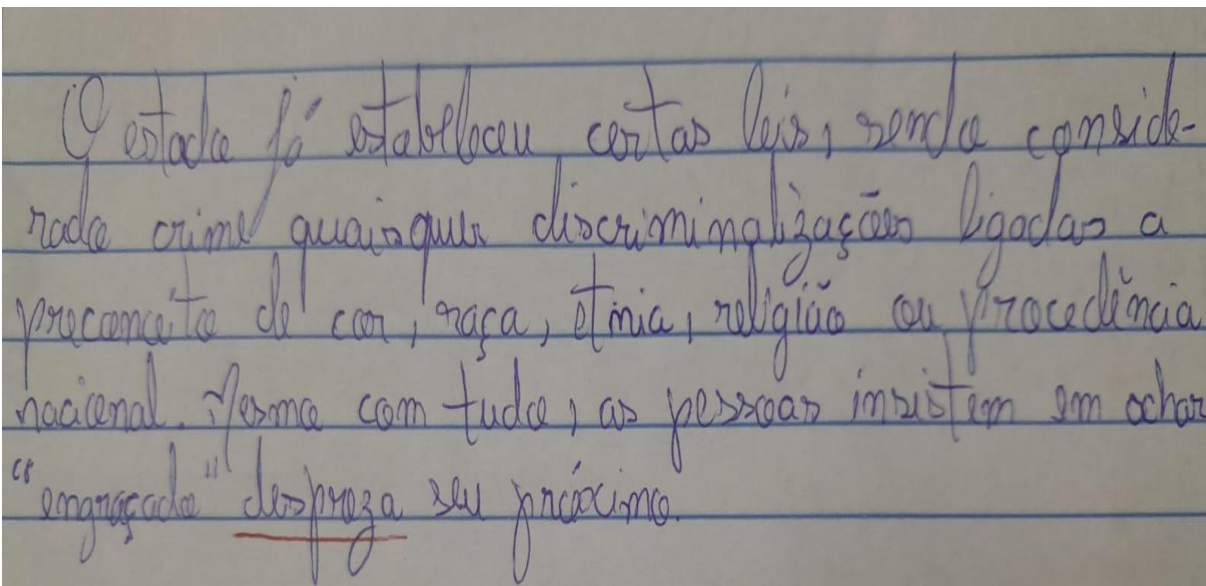
⁹ Trata-se da obra *Nada na língua é por acaso*, de Marcos Bagno.

Excerto 5:



Transcrição: “E o medo de sair de casa, passa em uma rua movimentada e repara a violência no trânsito você já reparou? A violência está tão grande que você já nem sabe mais que um dia foi seguro”

Excerto 6:



Transcrição: “O estado já estabeleceu certas leis, sendo considerado crime quaisquer discriminações ligadas a preconceito de cor, raça, etnia, religião ou procedência nacional. Mesmo com tudo, as pessoas insistem em achar “engraçado” despreza seu próximo.”

Uma das estratégias prévias usadas por essa dupla de acadêmicos foi estabelecer uma escuta mais acurada das falas dos alunos¹⁰ durante a convivência em sala de aula, para observarem de perto a realização do morfema de infinitivo. A condução autônoma de uma estratégia como essa é reveladora do ganho de conhecimentos propiciado pela disciplina e se traduz como reforço da habilidade de tomar decisões no universo de uma pesquisa.

Como era esperado, a não realização, isto é, a redução do morfema final de verbos no infinitivo é muito superior, em frequência, à realização do segmento. Pelo reconhecimento desse cenário, dizem os acadêmicos:

[...] a redução de /r/ no verbo de infinitivo teve uma grande incidência na modalidade oral, perpetuando a sua origem histórica e bem menos ocorrência na modalidade escrita, porém não deixando de ocorrer. Podemos então inferir que: uma vez que a modalidade escrita é considerada pela escola mais formal, devendo seguir muito mais o padrão determinado pelas gramáticas normativas do que a modalidade oral, nota-se que o “poder” regulador da escola em relação a essa variável funciona como coercitivo na modalidade escrita, diminuindo significativamente sua ocorrência (SIQUEIRA; SOUZA, 2022).

Os excertos 5 e 6 evidenciam, em conjunto, o que vem denotado na citação. Em 5, vê-se “passa”, “repara” (que seriam, respectivamente, *passar* e *reparar*) e “sair”, esse último com a concretização do morfema -r. Em 6, convivem as formas “achar” e “despreza” (que, com o morfema em questão, seria *desprezar*). Os acadêmicos que focalizaram esse fenômeno variável, em linha com os escritos adotados como fonte teórico-descritiva, assentem que, até certo ponto da trajetória pelas práticas de escrita, é comum o sujeito transpor para a última os fenômenos linguísticos que permeiam sua oralidade. O estreitamento do contato com a modalidade escrita é que, na maioria dos casos, exerce pressões no sentido de resgatar alguns segmentos que, normalmente, são abolidos por interferência da fala (COSTA, 2009 *apud* SIQUEIRA; SOUZA, 2022).

Para além da descrição dos casos, os acadêmicos argumentaram sobre a necessária reflexão acerca de todas essas questões pelos participantes do ambiente escolar. Ainda, demonstram o que segue:

Podemos afirmar que ainda há muito o que se investigar a respeito do assunto abordado. Diante dos textos produzidos pelos nossos alunos, sobre os quais lançamos um olhar mais analítico, concluímos que este tema ainda poderá ser retomado com maior profundidade, visto que a aproximação existente entre fala e

¹⁰ Na exposição do seminário, os acadêmicos pormenorizaram a estratégia e como a encaminharam nas escolas.

escrita é, e sempre será, um campo inesgotável de questionamentos e pesquisas. (SIQUEIRA; SOUZA, 2022).

As asserções permitem notar o que se pode chamar de “tomada de consciência” dos acadêmicos sobre a profundidade das questões de variação linguística, ao mesmo tempo em que deixa entrever o delineamento de um caminho acertado para direcionar o olhar: as relações entre as duas modalidades da língua- fala e escrita.

No decorrer da elaboração deste artigo, não foi possível recuperar os materiais relativos ao seminário sobre Uso de Conectores.

Todos os grupos de acadêmicos, ao final da parte descritiva dos casos selecionados, fizeram relevantes considerações sobre a importância de se conhecer mais a fundo os fenômenos variáveis da língua, o que, associado a outros saberes, é capaz de sustentar as práticas pedagógicas exigidas por uma escola que se modificou ao longo dos anos e exige, cada vez mais, que se reconheçam e respeitem os traços concernentes aos vários grupos que a povoam. Tal respeito passa, como se sabe, por questões de uso da língua.

A análise do *percurso* foi bastante reveladora da construção de saberes possibilitada pela disciplina. Começando pela seleção dos fenômenos, o que se viu foi a amplificação do alcance do olhar sobre o que é variação, o que se comprova pela escolha de fenômenos que se situam muito além do nível da palavra. Mais adiante, na execução dos seminários, observou-se forte interlocução dos acadêmicos com as pesquisas já desenvolvidas (algumas, de referência), postura que indicia um traquejo crescente no âmbito da temática desejada. Por fim, as análises feitas pelos mestrados das ocorrências advindas do uso real, produzidas pelos alunos que eles mesmos acompanham e ensinam, expressou o aprofundamento conceitual e o potencial de aplicação/ análise conquistados pelos participantes no que toca a variação e a mudança linguísticas.

Considerações finais

Neste artigo, enfocou-se a elaboração de saberes por mestrados do PROFLETRAS relacionados a questões de variação linguística, traço inerente a todas as línguas naturais. Como tal, a variação e todos os processos que a explicam no interior das situações de interação não poderiam deixar de compor um dos eixos do Mestrado Profissional em Letras, razão que justifica a disciplina obrigatória Gramática, Variação e ensino. A percepção de uma visão um tanto reducionista do alcance da variação por parte dos docentes-

mestrandos, quando da iniciação na disciplina, forneceu o mote que conduziu a presente reflexão.

Por meio dela, foi possível olhar mais detidamente o que se rotulou como um *percurso*, que teve como início um conjunto de saberes mais difuso e generalista e desembocou em um conjunto mais robusto de conhecimentos. A frase constitutiva de parte do título do artigo, “Eu pensava em variação linguística só como regionalismos”, foi proferida durante uma das aulas e representa uma espécie de “virada”, na medida em que traduz uma “descoberta”, a de que a variação se aloca em todos os níveis e toma diversas formas dentro de uma língua. A frase por si só pode ser reconhecida como um resultado, pois sua verbalização, no tempo pretérito, comprova a saída desse enunciador (de, de certo modo, representa a turma) de um lugar mais restrito para um mais expandido no que tange aos saberes pretendidos. Esses, naturalmente, não estão prontos e “fechados”, mas asseguram aos acadêmicos possibilidades de uma escalada cada vez mais produtiva no âmbito das ciências da linguagem.

Dizendo de outro modo, o que se observou, pelo acompanhamento da turma, foi um crescimento da compreensão da natureza e da amplitude da variação linguística, além de passos firmes rumo a formas cada vez mais assertivas de lidar com as variedades e com as implicações que elas têm nas interações, nas relações de poder, nos diferentes gêneros e letramentos, além de outras questões presentes na escola. Em sentido mais amplo, mas não menos importante, pode-se avistar uma melhoria na compreensão da própria língua e dos processos de ensino que a contemplam, uma das finalidades primordiais do PROFLETRAS.

Referências

ALKMIN, T. Sociolinguística. Parte I. *In*: MUSSALIM F. & BENTES A. C. (orgs.). **Introdução à linguística**: Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-48.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Parábola, 2020.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Língua Portuguesa. Brasília, DF: MEC, 1997.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.

CALVET, J. L. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CALLOU, D. MORAES, J. A.; LEITE, Y. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. **DELTA**. v. 14. P. 61-72. São Paulo. 1998

CAMACHO, R. G. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIM F. & BENTES A. C. (orgs.). **Introdução à linguística**: Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-78.

COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.; SOUZA, C. M, N; MAY, G. H. **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

DURÃES, D.; MEDEIROS, B.; CARDOSO, F. **Concordância verbal de 3ª pessoa do plural**. 2022. 43 slides.

KAWACHI, G. J., ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Letramento crítico e afeto na educação linguística contemporânea: reflexões sobre propostas educativas na universidade. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 25, n. 2, p. 36-52, Aug. 2022.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança Linguística. Uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2013.

MENDES, C. S; OLIVEIRA, T. A apócope do /r / em Infinitivos verbais na escrita do facebook: Mudança linguística em processo? **Fórum linguístico**. Florianópolis, v.18, n.3, p. 6688 - 6705, jul./set. 2021. Disponível em [file:///C:/Users/Solange/Downloads/Dialnet-AApocopeDoREmInfinitivosVerbaisNaEscritaDoFacebook-8189045%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Solange/Downloads/Dialnet-AApocopeDoREmInfinitivosVerbaisNaEscritaDoFacebook-8189045%20(1).pdf). Acesso em: 05 set. 2023.

SILVA, J. PROCOPIO, R. **Disciplina: Gramática, variação e ensino- Uso de nós e a gente**. 2022. 51 slides.

SIQUEIRA, C. A. N.; SOUZA, N. B. **Gramática, variação e ensino- a ocorrência da redução do morfema /r/ nos verbos de infinitivo**. 2022. 24 slides.

SANTOS, L. W.; LEBLER, C. Texto, gramática e ensino: o conceito de análise linguística/semiótica. In: WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, M. R. (Org.). **Texto e Gramática**: novos contextos, novas práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021, p. 45-76.

VIEIRA, S. R; BRANDÃO, S. F. **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2014.


ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística**. Língua, diversidade e ensino. São Paulo SP: Parábola Editorial, 2015.



NOTAS

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORIA

Solange de Carvalho Fortilli. Mestre e Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista. Docente do Curso de Letras- Programa de Pós-Graduação em Letras e Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, MS, Brasil. Email: solange.fortilli@ufms.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8348-4359>

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista ENSIN@ UFMS – ISSN 2525-7056 o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY-NC-SA 4.0), que permite compartilhar e adaptar o trabalho, para fins não comerciais, reconhecendo a autoria do texto e publicação inicial neste periódico, desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual.

EDITORES

Patricia Helena Mirandola Garcia, Eugenia Brunilda Opazo Uribe, Gerson dos Santos Farias.

HISTÓRICO

Recebido em: 06/09/2023 - Aprovado em: 11/12/2023 – Publicado em: 31/12/2023.

COMO CITAR

FORTILLI, S. C. “Eu Pensava em Variação Linguística só como Regionalismos”: Aprimoramento de Saberes no PROFLETRAS por Meio da Disciplina Gramática, Variação e Ensino. **Revista ENSIN@ UFMS**, Três Lagoas, v. 4, n. 8, p. 267-288. 2023.